

**MARIA AUGUSTA RODRIGUES “A RAINHA DA COR” DO CARNAVAL BRASILEIRO**  
– Uma Revisão Integrativa

Alexandre Gonçalves<sup>1</sup>  
Helenise Monteiro Guimarães<sup>2</sup>  
Madson Luis Gomes de Oliveira<sup>3</sup>

**RESUMO**

Importante artista no cenário do carnaval e do ensino das artes, Maria Augusta Rodrigues possui uma produção que se caracteriza, principalmente, por uma maneira bem peculiar; o trabalho da artista vai da sofisticada simplicidade a originalidade do abstrato ao requintado “luxo da cor” em oposição ao “luxo do brilho”. O presente artigo traz como objetivo, entender qual o estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre Maria Augusta Rodrigues, através de um amplo levantamento para conformar os dados sobre uma artista tão plural.

Palavra-Chave: Maria Augusta Rodrigues, Imagem e Carnavalesco.

**RESUMEN**

Importante artista en el escenario del carnaval y la educación artística, Maria Augusta Rodrigues tiene una producción que se caracteriza principalmente por una manera muy peculiar; el trabajo de la artista va desde la sofisticada sencillez a la originalidad de lo abstracto al exquisito “lujo del color” en oposición al “lujo del brillo”. Este artículo tiene como objetivo comprender el estado del arte de la investigación académica sobre Maria Augusta Rodrigues, a través de un amplio relevamiento para conformar los datos sobre una artista tan plural.

Palabra clave: Maria Augusta Rodrigues, Imagen y Carnaval.

1 Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBA)/UFRJ; bolsista CAPES; pesquisador do Núcleo de Estudos Carnavalescos e Festas – NesCaFe (CNPQ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2683850771502309>, <https://orcid.org/0000-0001-8453-7750>; e-mail [xandoenf@yahoo.com.br](mailto:xandoenf@yahoo.com.br).

2 Professora Associada 1 do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV EBA/UFRJ; Coordenadora do Núcleo de Estudos Carnavalescos e Festas – NesCaFe (CNPQ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6266807318429051>; e-mail [heleng46@gmail.com](mailto:heleng46@gmail.com).

3 Professor Associado do Departamento de Artes Utilitárias Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; docente do Programa de Pós-Graduação em design; responsável pela disciplina Formas Particulares de Design; pesquisador do Núcleo de Estudos Carnavalescos e Festas – NesCaFe (CNPQ), atuando principalmente nos seguintes temas: Moda, Carnaval, Figurino / Indumentária, Artes e Design. Rio de Janeiro/RJ, Brasil, <http://lattes.cnpq.br/7992901895916913>; e-mail [madsonluis@eba.ufrj.br](mailto:madsonluis@eba.ufrj.br).

**MARIA AUGUSTA RODRIGUES “A RAINHA DA COR” DO CARNAVAL BRASILEIRO****– Uma Revisão Integrativa****A PLURALIDADE DE UMA ARTISTA**

Importante artista no cenário do carnaval e do ensino das artes, Maria Augusta Rodrigues possui uma produção que se caracteriza, principalmente, por uma maneira bem peculiar em entender e construir sua arte. O trabalho da artista e professora Maria Augusta vai da sofisticada simplicidade a originalidade do abstrato ao requintado “luxo da cor<sup>4</sup>” em oposição ao “luxo do brilho”<sup>5</sup>. Compreende, portanto, uma arte única e repleta de referências e significados, uma arte plural.

Sua atuação se inicia como aprendiz de carnavalesca, verdadeiramente, pelas mãos de seu mestre na Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ), Fernando Pamplona<sup>6</sup>. Foi por intermédio de um convite:

[...]do professor Pamplona que eu comecei a trabalhar em carnaval. Junto com ele fazia não só o Salgueiro, escola de samba, como fazia naquela época as grandes decorações de rua no Rio de Janeiro, para o Carnaval e muitos de Natal.

Os bailes do Copacabana Palace também foram um espaço importante de aprendizado para a jovem Maria Augusta, conforme relata Nilton dos Santos, em sua obra *“Maria Augusta Rodrigues, carnavais e constituição de subjetividade”*, de 2010.

Ao designar Maria Augusta como uma “artista múltipla”, deseja-se evidenciar dois aspectos principais em sua produção: primeiro, a pluralidade de suas experimentações, tanto em materiais alternativos como na paleta de cores utilizada; e segundo, as suas diferentes atuações profissionais e a maneira como tais saberes contribuíram para o seu processo formativo. Sua produção abrange diversas linguagens, dentre elas: seu trabalho, junto ao grupo de Fernando Pamplona; as decorações da cidade do Rio de Janeiro para o Carnaval assim como os salões do Copacabana Palace e do Teatro Municipal para os bailes de Carnaval; a produção de desfiles memoráveis na União da Ilha do Governador na qual produz uma identidade visual única; sua atuação como docente na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), hoje, Escola de Belas Artes (EBA); seu trabalho como comentarista e pesquisadora de carnaval.

Importa mencionar que o contexto histórico de formação da artista se deu ainda criança. Maria Augusta ia com a mãe a todas as festas populares da região. Sua paixão pelo carnaval vem daí: era o carnaval da poeira subindo; com boi pintado dançando na rua; desfile de rancho; desfile de caboclo; bailes de clube. Tudo muito colorido - uma das características mais marcantes de sua carreira.

Aos dezessete anos de idade, em decorrência de um acidente de percurso, Maria Augusta vai para a Escola de Belas Artes que se apresentava, à época, como um centro de formação em várias áreas das artes plásticas. Na época, pretendia cursar arquitetura, porém, muda de opção para artes decorativas, curso de duração de 6 anos, depois artes gráficas, que era, o que é hoje publicidade e propaganda e gravura junto. E, logo em seguida, obtém sua especialização em Cerâmica.

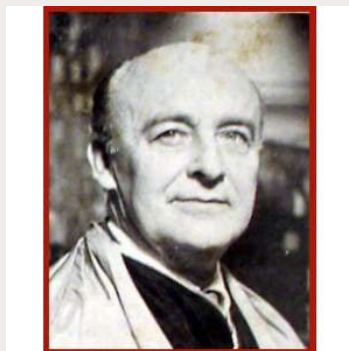
No ambiente universitário, Maria Augusta encontrará seus primeiros mestres, como Quirino Campofiorito,

4 Joaosinho Trinta traz um modelo de criação pautado em materiais requintados e luxuosos, figurinos baseados em personagens históricos e ricos além de grandiosidades nos figurinos e alegorias. (FERREIRA, 2010, p.321)

5 O pesquisador Felipe Ferreira, retrata o carnaval “O Domingo” da União da Ilha do Governador como um divisor de águas para a carnavalesca Maria Augusta Rodrigues e também para a agremiação insulana, pipas, balões e pranchas faziam as vezes de adereços, criando um modelo de desfile alternativo, privilegiando a descontração e as soluções plásticas populares

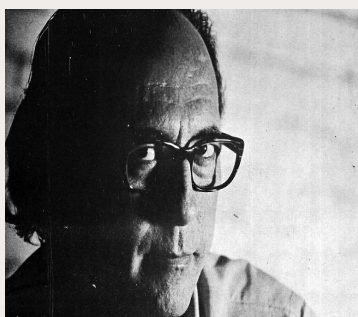
responsável pelo desenvolvimento de certas habilidades específicas que, posteriormente, lhe servirão no mundo carnavalesco. Os assistentes de Campofiorito, no ateliê da EBA, eram Cláudio Moura e Fernando Pamplona, também professores da universidade.

Figura 1 – Prof. Quirino Campofiorito



Fonte: EBA-UFRJ.

Figura 2 – Prof. Claudio Moura



Fonte: EBA-UFRJ.

Figura 3 – Prof. Fernando Pamplona



Fonte: EBA-UFRJ.

Este último (Figura 3) foi o responsável pelo convite à estudante para trabalhar com decoração de carnaval e, posteriormente, no GRES Acadêmicos do Salgueiro. Foi por intermédio do professor Fernando que Maria Augusta iniciou-se a trabalhar no carnaval. Junto com ele, fazia não só o Salgueiro, escola de samba, como fazia, naquela época, as grandes decorações de rua no Rio de Janeiro, para o Carnaval, e, também, para o Natal.

Com Campofiorito e Pamplona, Maria Augusta desenvolve a prática de uso da *goauche*, na pintura dos projetos de decoração de rua, como cita Santos (2010, p.07):

[Eu] guachava. Usava *gouache*. E ele [Campofiorito] sempre chamava os alunos para ajudar a pintar os projetos para decoração de rua. Que era um concurso maravilhoso. As pranchas das decorações, os desenhos, as perspectivas eram fantásticas. E eu fui ajudar a guachar. (SANTOS, 2010, p.7)

Realizando este trabalho de “guachar”, Maria Augusta conhece Arlindo Rodrigues, cenógrafo do Teatro Municipal e, segundo suas palavras, “pessoa vital na minha vida.”(BRISO, 2015, p. 2).

No entanto, mesmo sendo contemporânea a esses movimentos, Maria Augusta consegue desenvolver seu próprio caminho, sem se vincular declaradamente a nenhum deles. Desse modo, lida com essas vertentes sem se deixar levar por modismos.

Todavia, é possível perceber em sua produção a influência das várias vertentes abstratas que traduziam uma forma crítica e despojada, bem como uma leveza e humor em suas formas e cores; um trabalho que traz a comunicação e identificação com o público como um objetivo central a sua proposta, uma forma simples em apresentar um enredo trazendo o cotidiano da população, destacando suas atividades num dia de lazer ou num simples questionamento: O que será o Amanhã?

Figura 4 - O Amanhã 1978



Fonte: Acervo União da Ilha.

Figura 5 – Domingo 1977



Fonte: Acervo União da Ilha.

Figura 6 - O que será? 1979<sup>7</sup>



Fonte: Acervo União da Ilha.

<sup>7</sup> Imagem 6: O que será? De 1979. Esse enredo foi idealizado por Maria Augusta, sendo desenvolvido por Adalberto Sampaio.

Partindo desse entendimento, busca-se analisar qual o estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre Maria Augusta Rodrigues. Para tanto, se fez necessário um amplo levantamento para conformar os dados sobre uma artista tão plural.

Em busca de validar tal percepção optou-se pelo desenvolvimento de uma Revisão Integrativa, “[...] assim denominada por fornecer informações mais abrangentes sobre um evento particular, interconectando elementos isolados dos estudos existentes”. (SAMPAIO; MANCINI, 2007 *apud* FREITAS; CARVALHO; MENESCAL, 2010, p.4). A opção por essa metodologia, frente as outras modalidades de revisão bibliográfica e documental, se baseou na amplitude da abrangência da Revisão Integrativa, permitindo a inclusão de estudos e outros documentos. Além disso, a abordagem escolhida incorpora um vasto leque de propósitos, como, a definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular, como é descrito por Whitemore e Knafel (2005 *apud* SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2020) . Para os referidos autores, essa ampla amostra deve gerar um panorama consistente e compreensível de conceitos complexos.

Ainda em relação às vantagens do uso da Revisão Integrativa para sistematizar referências, Freitas, Carvalho e Menescal (2010) destacam que esse é um método científico que se mantém receptivo à introdução de novos estudos ou mesmo no decorrer da coleta de dados. Esse fato auxilia na detecção de lacunas em áreas do conhecimento e incentiva o desenvolvimento de novas pesquisas, proporcionando economia de recursos, uma vez que possibilita a síntese do conhecimento já produzido.

Ciente sobre as publicações sobre Maria Augusta Rodrigues e alguns aspectos de sua obra, e sabendo de sua variedade (incluindo depoimentos, entrevistas, pesquisas, artigos, dissertações e outros materiais bibliográficos e documentais), essa metodologia encontra grande aderência com a proposta de estudo pretendida.

A elaboração da revisão permitiu a aproximação com a artista, suas diversas linguagens, métodos e processos de criação, contribuindo para uma visão do todo, sendo fundamental para a compreensão mais ampla dos fenômenos que conformaram sua produção. Por fim, mostrou-se uma metodologia promissora para a investigação de artistas e suas produções, sobretudo, quando se tem à disposição um grande número de informações a serem sistematizadas.

## REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalhar com revisão integrativa é ter em mente um questionamento que norteará sua pesquisa, sua busca e sua formulação. Alguns autores como Souza, Silva e Carvalho (2010) juntamente com Freitas, Carvalho e Menescal (2010) embasaram a elaboração desse modelo de revisão. Cada um deles, a seu modo, se ocuparam da descrição do método, suas etapas e demonstraram possibilidades de aplicação. Ademais, suas investigações serviram de base para o desenvolvimento das fases elaboradas no presente estudo.

A revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Desse modo, o revisor/pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular.

Seguindo as orientações dos autores citados, para a realização do presente artigo, foram realizadas



seis etapas ou fases para sua elaboração, a saber: 1<sup>ª</sup> - elaboração da pergunta norteadora; 2<sup>ª</sup> - busca ou amostragem na literatura; 3<sup>ª</sup> - coleta de dados; 4<sup>ª</sup> - análise crítica dos estudos incluídos; 5<sup>ª</sup> - discussão dos resultados; e 6<sup>ª</sup> - apresentação da Revisão Integrativa.

Com base nas referidas instruções, na 1<sup>ª</sup> fase, foi elaborada a seguinte questão norteadora: quais as influências principais que repercutem na obra de Maria Augusta Rodrigues?

A partir dela, buscou-se localizar estudos e documentos que contenham tais informações, visando uma aproximação geral com o tema. A princípio, foram incluídos todos os trabalhos encontrados que contemplavam, de algum modo, a questão definida.

A 2<sup>ª</sup> fase se deu a partir do estabelecimento do critério de escolha e busca das bases de dados. As bases selecionadas foram: Base MINERVA – UFRJ, Domínio Público, Google Acadêmico.

Para a consolidação adequada do estudo, se fez necessário um aprofundar-se nas questões do objeto de estudo para poder descrever melhor e mais amplamente a que se refere a tal objeto e a todas as suas demandas. Para isso, se fez preciso identificar e descrever os descritores da pesquisa. Dessa discursão, emergiram os seguintes descritores: **Maria Augusta Rodrigues, Imagem e Carnavalesco.**

Como toda pesquisa, esta apresenta seu recorte temporal, obedecendo alguns acontecimentos como a transferência da artista plástica e professora Maria Augusta Rodrigues, da GRES Acadêmicos do Salgueiro para a GRES União da Ilha do Governador, no ano de 1975 e a data do seu desligamento da GRES União da Ilha do Governador, no ano de 1978. Sendo assim, o **recorte temporal compreende o período de 1976 à 1978**, fase que a carnavalesca Maria Augusta Rodrigues esteve à frente da construção do carnaval da escola de samba União da Ilha do Governador.

Seguindo essa orientação, os temas aqui abordados são aqueles supra citados no título e subtítulo deste estudo e explanados nos objetivos, que são eles: - Imagem – a Imagem artística e visualidade criada por Maria Augusta Rodrigues; Carnavalesco – Profissional responsável em idealizar/criar; Maria Augusta Rodrigues – Personagem central da pesquisa.

Para a realização deste trabalho, não foi realizada a triangulação dos descritores, isto porque, pretendeu-se deixar fluir as obras de forma natural. A partir das análises qualitativas das obras, percebeu-se a triangulação dos descritores de forma natural, o que foi conseguido ao longo da análise das obras para esta construção.

A busca para a confecção, no tocante aos descritores, se deu através do movimento de busca nas **Bibliotecas/bases Virtuais**, através da inserção da denominação do descritor como assunto e a fonte de dados, como os bancos de Teses e dissertações dos programas de pós graduações, assim como nos periódicos de Programas de Pós-graduação de artes; após estas escolhas, se iniciou o processo de refinamento da pesquisa por busca de artigos/obras, textos na íntegra, língua portuguesa seguido do recorte temporal que se dá entre 1976 a 1978.

Tal movimento, chegamos aos seguintes resultados que se configura na 3<sup>ª</sup> fase, na qual os trabalhos encontrados foram analisados preliminarmente e agrupados em um quadro, baseado no modelo de quadro sinóptico, elaborado por Freitas, Carvalho e Menescal (2010). Porém, foram acrescentados mais espaços para a inserção de dados e suprimidos outros considerados desnecessários para este estudo.

Quadro 1 - Quadro sinóptico dos trabalhos selecionados para Revisão Integrativa

| Título do Trabalho   | Modalidade  | Autor/Data                                | Temas   |
|--|-------------|---|---|
| "Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!": Carnavalesco, individualidade e mediação cultural | Tese        | SANTOS, Nilton<br>RJ / 2006               | Procura discutir a maneira que os carnavalescos se constituem em importantes mediadores culturais na cidade do Rio de Janeiro, orientada pela professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti tem como base e referência a também professora Maria Augusta no capítulo IV da tese dedicado inteiramente a sua trajetória e sua formação artística / profissional.            |
| Maria Augusta Rodrigues: a maga criadora de carnavais inesquecíveis                                      | Entrevista  | BRISO, Caio Barretto<br>RJ / 2015         | Entrevista realizada pelo jornal O Globo a professora Maria Augusta Rodrigues, descreve sua importancia na projeção de um novo modelo em se fazer carnaval, descreve seu inicio no carnaval com o seu mestre Fernando Pamplona, um recordar de lembranças.  |
| Maria Augusta Rodrigues, carnavais e constituição de subjetividade                                       | Artigo      | SANTOS, Nilton<br>Niteroi/ 2009           | Produto da tese de doutorado, traduz a trajetória da ex-carnavalesca Maria Augusta Rodrigues, com o intuito de problematizar a noção de experiência, sobretudo no espaço metropolitano, na narrativa biográfica dessa artista do Carnaval do Rio de Janeiro.  |
| "Carnavalesco, o profissional que "faz escola no carnaval carioca  | Dissertação | GUIMARÃES, Helene e Monteiro<br>RJ / 1992 | Dissertação de mestrado, trabalho de imenso significado para todos os pesquisadores de carnaval, pioneiro na temática, apresenta no capítulo II, um subitem a professora Maria Augusta assim como Paulinho do Espírito Santo e Edmundo Braga e suas formas de trabalho com materiais alternativos, modelo esse que se torna a marca registrada nos trabalhos de Maria Augusta.    |
| O livro de ouro do carnaval brasileiro   | Livro       | FERREIRA, Felipe.<br>RJ / 2004            | Felipe Ferreira traça uma discussão do que ele chamaria da grande reviravolta na forma de apresentação das escolas de samba na segunda metade dos anos 70 do século XX; nessa reviravolta ele destaca dois (02) personagens de suma importância, a carnavalesca Maria Augusta, que ele carinhosamente chama de Rainha da Ilha e João Trinta que ele batiza de o Rei de Nilópolis, |

Fonte: Autor (2023.)

## ANÁLISE DE DADOS

A partir das leituras, sínteses e sistematizações realizadas, a primeira constatação foi que a maior parte das publicações sobre a produção artística de Maria Augusta Rodrigues considera a relação de síntese ou integração de suas obras a formação de uma nova linguagem visual no carnaval. Dentro dessa abordagem, são discutidas, também, suas referências pessoais e profissionais, sua relação com os materiais e principalmente com as cores. Nesse contexto, destacam-se, por suas abordagens, a dissertação de Guimarães (1992), o livro de Felipe Ferreira (2004), e a tese e o artigo de Santos (2006, 2010).

Guimarães (1992) faz um levantamento sobre a artista, a partir do seu trabalho na escola de samba União da Ilha do Governador; realiza também uma análise de sua trajetória no grupo de Fernando Pamplona. Ao discutir essa trajetória, Guimarães (1992) traça uma linha de raciocínio, na qual identifica um modelo organizacional de trabalho similar ao realizado no Salgueiro com Fernando Pamplona. Maria Augusta traz para a União da Ilha, o modelo de trabalho coletivo; ou seja, assim como seu mestre Fernando Pamplona, a carnavalesca também leva alunos da Escola de Belas Artes para trabalhar junto a ela, como foi o caso de Ecylla Cirne, que se juntara a equipe que já possuía os artistas Adalberto Sampaio e Alcione Barreto.

Em sua dissertação, Guimarães (1992) apresenta uma outra característica de Maria Augusta, as cores, a riqueza policrômica que traz no desfile de 1977 "O Domingo" no qual se distancia das cores da Escola causando um grande impacto por seu multicolorido. A substituição do monocromático pelo policromático e a riqueza das cores passa a ser um "modismo" nas décadas seguintes, 80 e 90, sugere em sua dissertação.

Outro ponto também discutido por Guimarães é a relação de Maria Augusta com os desafios. Agora, a dissertação traz o desafio travado na segunda metade de década de 80, período em que Maria Augusta, novamente, monta uma comissão de carnaval, para a escola de samba Tradição, que nasce de uma dissidência da Portela.

Ferreira (2004), em sua obra *O livro de ouro do carnaval brasileiro*, discute, brevemente, a importância dos trabalhos de Maria Augusta como uma nova modelagem de como fazer carnaval, em contraponto, ao modelo luxuoso seguido por João Trinta. Em sua obra, Ferreira (2004) trava uma batalha entre a Rainha da Ilha e o Rei de Nilópolis. Trata-se de uma forma de descrever de maneira carinhosa e bem-humorada, esses dois novos modelos de se fazer carnaval na segunda metade dos anos 70.

A tese (2006) e o artigo de Santos(2009), trazem no capítulo IV, intitulado *Maria Augusta Rodrigues, a formação de uma mediadora no mundo da festa carnavalesca ou "Porque nada é por acaso"* a discussão sobre o papel de Maria Augusta como uma mediadora cultural. Para tanto, aborda o pensamento de alguns autores como Georg Simmel, em artigo de 1908, intitulado "O estrangeiro", no qual nos apresenta alguns elementos centrais para o papel de mediação assim como Frédéric Vandenberghe (2005) e o livro "As Sociologias de Georg Simmel", na qual ele discorre sobre um clássico ensaio de Simmel sobre o estrangeiro, apontando que não é um ensaio como os outros, mas uma digressão de sete páginas no interior de um longo capítulo mal conhecido sobre o espaço e as ordens espaciais da sociedade.

Para melhor discutir o papel de Maria Augusta, agora como mediadora, Santos traz a discussão de Gilberto Velho, em "Biografia, trajetória e mediação" (2001), ao comentar a tese de Maria Laura Cavalcanti, destaca esse aspecto de *troca* existente entre o carnavalesco e outros setores sociais. Velho observa ser o carnavalesco:



[...] um *mediador* por excelência, trazendo informações e procurando traduzir e interpretar preferências e padrões do mundo do samba tradicional e de setores das camadas médias que passam a frequentar e, também, a julgar as escolas. (SANTOS, 2009, p.107)

Ainda na tradução, Santos (2006), aponta que o trabalho de um carnavalesco, na cidade do Rio de Janeiro, passa, indubitavelmente, pela construção de elos e pontes, mediações, decodificações e interpretações que põem em relação segmentos do universo social carioca. A “troca” de valores, crenças e informações, como horizonte de possibilidades, identificada por Gilberto Velho, em diferentes tipos de mediação, é própria, portanto, do *affair* do artífice do carnaval.

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, num processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de *mediadores* quando implementam de modo sistemático essas práticas. O maior e o menor sucesso de seus desempenhos lhes darão os limites e o âmbito de sua atuação como *mediadores*.

Santos (2006) aponta a trajetória de Maria Augusta Rodrigues, desde o final dos anos 1960, fosse na decoração de rua ou enfeitando os salões de baile do Hotel Copacabana Palace até as escolas de samba como carnavalesca e, contemporaneamente, como comentarista de carnaval na televisão um exemplar dos múltiplos processos de interação e de mediação social que são possibilitados pelo universo do carnaval.

Já durante a entrevista cedida a Briso, em 2015, para o jornal “O Globo”, Maria Augusta traz todas as suas lembranças à tona, desde sua infância, quando ia com sua mãe a todas as festas populares da região. É nesse cenário que nasce sua paixão pelo carnaval; era o carnaval da poeira subindo, com boi pintado dançando na rua; desfile de rancho; desfile de caboclo; bailes de clube. Tudo muito colorido - uma das características mais marcantes de sua carreira. O carnaval é a essência de sua vida, relata Maria Augusta.

É a partir do carnaval que Maria Augusta descobre sua fé, quando, ao lado de Fernando Pamplona, está desenvolvendo o enredo “Bahia de Todos os Deuses” para o Salgueiro. Essa mística de Maria Augusta irá influenciar outro enredo de Maria Augusta, “O Amanhã”, na União da Ilha. É também na União da Ilha que Maria Augusta traz suas experiências pessoais para desenvolver o enredo “O Domingo”, através de suas lembranças de quando estudava no internato do Colégio Bennett.

Para Maria Augusta, os domingos eram dias de alegria, para a carnavalesca os domingos era o dia de folga, para ir à casa de seus avós que residiam na Rua Almirante Tamandaré, no bairro do Flamengo - RJ, onde vive hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de refletir sobre o estado da arte das pesquisas acerca de Maria Augusta Rodrigues, o levantamento proporcionou, inicialmente, uma maior aproximação com a artista, sua obra e seu *modus operandi*, dando dimensão da amplitude do seu trabalho e a abrangência de sua atuação, possibilitando uma visão geral da sua trajetória. Além disso, a reunião de dados contidos nas pesquisas forneceu um panorama do contexto e do processo formativo da artista.

Assim, foi possível conhecer suas referências e seus contemporâneos, bem como perceber como cada uma das atividades desempenhadas por ela colaboraram para a construção de uma obra notadamente plural. Os levantamentos também revelaram uma enorme variedade de atuações; algumas ainda pouco

exploradas e documentadas como a de comentarista de carnaval, que possibilitariam um número maior de investigações, que poderiam contemplar os processos artísticos, o *modus operandi* e outros aspectos da vida e produção de Maria Augusta Rodrigues

Através da ponderação de todas essas informações, percebeu-se a necessidade de olhar a integralidade da artista, a fim de compreendê-la. Para tanto, num segundo momento, os dados colhidos sobre a artista durante a Revisão Integrativa foram sistematizados e relacionados entre si. Procurou-se visualizar todas as informações simultaneamente, buscando-se um modo de representação gráfica que permitisse considerar as obras e suas inter-relações, conexões, contextos e outros fatores externos a artista.

Assim, optou-se pela elaboração de um quadro (rizoma), baseado no entendimento de Souza; Silva e Carvalho (2010). O quadro (rizoma), que representa as principais pesquisas relacionadas a Maria Augusta Rodrigues, foi a maneira de decompor seus trabalhos em partes para estudar cada um de seus elementos, suas relações e contextos, evidenciando as inter-relações que se estabelecem. Esse sistema é relevante por permitir que sejam traçadas conexões entre obras de técnicas variadas ou realizadas em períodos diferentes.

A revisão Integrativa possibilitou perceber o estado da arte das investigações sobre Maria Augusta Rodrigues e suas criações, ressaltando as lacunas, dentre estas, a baixa quantidade de estudos que contemplam as outras formas de manifestação da artista, principalmente aquelas da sua primeira fase, relacionadas com suas primeiras experiências junto ao carnaval, representadas nos trabalhos realizados ainda como aluna do professor Fernando Pamplona, na Escola de Belas Artes.

Dentre suas experiências estão sua grande ligação com a cor, seu primeiro experimento com a arte carnavalesca, quando desenvolve a prática de uso da *goauche* na pintura dos projetos de decoração de rua. Foi através do *goauche* que Maria Augusta conhece Arlindo Rodrigues, cenógrafo do Teatro Municipal, e, segundo suas palavras, “pessoa vital na minha vida” (BRISO,p.6, 2015).

Os levantamentos também possibilitaram uma reflexão mais ampla sobre o *modus operandi* da artista, concluindo que se pautava, resumidamente, em três pilares principais: a exploração da cor, a exploração de possibilidades de materiais e a exploração dos enredos que retratavam o cotidiano.

Por fim, nota-se que, apesar da vasta produção da artista e da quantidade de estudos sobre sua obra, ela só é mais reconhecida por pesquisadores do carnaval, em especial as pesquisas relacionadas a possibilidades de materiais alternativos, cores ou mesmo a escola de samba União da Ilha. Assim, tal como a obra de muitos outros artistas brasileiros, as obras de Maria Augusta Rodrigues ainda precisam ser mais divulgadas e igualmente pesquisadas e preservadas.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. 2.ed., Ediouro: Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro. **Carnavalesco, o profissional que faz escola no carnaval carioca**. 1992. 392 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de pós-graduação em artes visuais, Escola de Bela Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

RODRIGUES, Maria Augusta. Maria Augusta Rodrigues: a maga criadora de carnavais inesquecíveis. [entrevista cedida a] Caio Barretto Briso. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2015..

SANTOS, Nilton. **Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!**: carnavalesco, individualidade e mediação cultural. 2006. 198 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Nilton. Maria Augusta Rodrigues, carnavais e constituição de subjetividade. **Revista de Antropologia da UFF**, Niteroi, v.12, p.99-111,2009.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan. 2010. Trimestral.  
Disponível em: <[http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1134-Einsteinv8n1\\_p102-106\\_port.pdf](http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1134-Einsteinv8n1_p102-106_port.pdf)>. Acesso em: 2 set. 2021.